

MOLHE DE RAMSGATE.

RAMSGATE, porto marítimo, distante de Cantuaria 17 milhas inglezas, e de Londres 73, está em aprazível situação na encosta de uma eminencia, aberta ao sul, descobrindo de varias partes vistas deleitosas de paiz e de mui extensa marinha, chegando, no bom tempo, a divisar-se a costa de França entre Calais e Bolonha. — Foi na sua origem povoação obscura de gente dada ás pescarias, mas por circumstancias que sobrevieram no seculo 17.º começou a estabelecer commercio com as nações do Baltico, principalmente com a Russia; trafico de augmento progressivo que a fez avultar em moradores e crescer em prosperidade, contribuindo muito os trabalhos feitos em seu porto magnifico, começados ha perto de noventa annos, e que logo o puzeram capaz de receber e abrigar navios do porte de 300 toneladas; hoje, em virtude dos melhoramentos recentes, contem vasos de 500. O molhe é da melhor cantaria, e um dos mais amplos de Inglaterra; a entrada é facil; os diques preveniram a accumulção do lódo e arêa; a doca que fica em sêcco, e destinada para virarem de crena e se repararem as embarcações, é excellent. Na cabeça do molhe ao occidente erigiu-se um pharol, e na do nascente collocaram uma pequena bateria. Ponderosas são as vantagens que de tão espaçoso porto se derivaram. Os banhistas da capital e de outras muitas cidades o frequentam na estação propria. Nesse tempo de verão ha carreira não interrompida de barcos movidos por vapor, navegando de Londres para alli. As despezas das obras hydraulicas e das suas dependencias, e a conservação dellas, tem sido costeadas com o producto de quantias, que em certas proporções pagam os navios, nacionaes ou estrangeiros, do mar alto ou costeiros.

Ramsgate é situada, á similhaça de Dover, n'uma paragem onde as penedias escarpadas da costa são cortadas por um valle natural e fundo: assim n'uma como na outra cidade a povoação antiga oc-

cupa a descida do terreno, e a moderna, de boas casarias, assentou-se nas alturas. No sitio em que sahe da ribeira a projecção oriental do molhe ha um obelisco de marmore, de grandes dimensões e perfeita mão d'obra, levantado em honra de Jorge 4.º, commemoração da sua visita a esta cidade, onde embarcou para os estados de Hannover em setembro de 1821, e á volta desembarcou em 8 de novembro do mesmo anno.

ANTIGAS CÔRTEES DE PORTUGAL.

(Continuado de pag. 384 do vol. precedente).

O povo, como disse, nada pesava na balança, e excluido de toda a escala hierarchica estava privado de consideração e importancia legal. Se este obstaculo encadeava o instincto e a propensão a emancipar-se, que nunca morre no coração do homem opprimido; os obstaculos materiaes e economicos produziam o mesmo effeito; porque n'um tempo em que não havia segurança, nem estradas, nem as mais simples commodidades da vida; em que eram quasi nullos o commercio e a industria, e o numerario e todos os meios de permutação escacissimos; em que as fomes, as pestes, os roubos, as malfetorias, e os ataques de inimigos de toda a casta, e até de lobos eram frequentes — que idéa poderiam formar da liberdade os homens do povo, estes pariahs desgraçados, que não fosse material, e que não se limitasse á liberdade de cada um habitar sem perigo em sua casa; de dormir com descanso na sua cama; de possuir e gosar pacificamente o seu; de transitar sem receio; de trabalhar sem vexame; de comprar e vender sem estorvo? O voto mais fervoroso, o bello ideal da liberdade na mente das povoações não podia ir alem desta meta; e condi-

2.ª SERIE — VOL. III.

ção mais desejavel e mais risonha não a podiam conceber as intelligencias rudes dos pobres peões.

O primeiro germe da liberdade e existencia politica do povo nasceu [occasionalmente] entre nós das desavenças do throno com as duas ordens superiores; porque foi em grande parte para lhes contrapezar a influencia que os nossos primeiros reis deram vida e ascendente a uma terceira ordem ou terceiro estado, convocando os seus procuradores á arena dos debates legislativos. Então nasceram as nossas primeiras còrtes, ou conselhos *geraes* das tres ordens: e é este o primeiro symbolo e o mais antigo ensaio do nosso governo representativo.

Mas differe tão profundamente do nosso o mechanismo social daquella idade que se perde inutilmente em subtilidades frivolas de todo o ponto, e se arrisca a inducções falsissimas quem pretende hoje afferir as assembleas politicas daquelle tempo pelas classificações rigorosas, mas ao mesmo passo arbitrarias, da sciencia moderna. O mais conveniente é historiar com exactidão o que ellas eram.

Mostra-nos a historia que a sociedade daquelle tempo era variada de elementos tantos e tão baralhados que inteiramente a desapropriam á generalisação. Despedaçada a unidade do mundo romano, a Europa ficou envolta n'um cahos, moral, politico, e geographico. Impossivel encontrar ordem nessa confusão, e na organisação fundamental dos estados o systema, regularidade, economia, e methodo que foram laboriosa tarefa e conquista ulterior de muitos seculos. Por tanto ninguem se admire de que esta anarchia geral affectasse as nossas instituições. As còrtes eram, como já notei, compostas das tres ordens: clero, nobreza e povo. O clero era representado pelos bispos e abbades de certos mosteiros, e algumas vezes tambem pelos mestres das ordens de cavallaria: a nobreza pelos fidalgos e cavalleiros com voto; porque nem todas as cathogorias d'esta classe o tinham: o povo por dois homens bons ou procuradores das cidades e villas que por foral ou costume tinham assento em còrtes.

Para que se reunissem còrtes, era preciso que o rei expedisse carta convocatoria, na qual declarava os motivos principaes da convocação; o local e dia da sessão real de abertura: e quaes haviam de ser os poderes das procurações, se *geraes*, se *especies*: pratica seguida desde as de Evora de 1442.

As pessoas que tinham voto na eleição dos procuradores do terceiro estado ou do povo, eram todas as que costumavam andar na governança da terra, vereadores, almotaceis, procuradores do concelho e seus filhos; e os da casa dos 24, onde a havia. Não eram admittidos a votar senão os proprios a quem por lei competia. A eleição fazia-se na casa da camara: e o juiz de fóra com o escrivão apuravam os votos, e lavravam o auto da mesma eleição.

Elegiveis não eram nem os que não tinham bens de raiz, nem os criminosos e desmorigerados, nem os juizes presentes: mas os ultimos podiam sê-lo com dispensa regia. A eleição recahia sempre nas pessoas notaveis das terras: e até muitas vezes succedeu sahirem eleitos procuradores ao terceiro estado individuos que de direito tinham assento ou no braço da nobreza, ou no ecclesiastico. Quando assim acontecia, preferia a eleição feita para o terceiro estado.

Se algum dos eleitos se escusava, e a camara lhe accitava a escusa, não era chamado o immediato em votos; procedia-se a nova eleição.

Se na eleição acontecia haver suborno ou omissão de alguma solemnidade essencial, podia embargo-la qualquer pessoa do povo. E se os embargos lhe não eram recebidos em camara, podia aggravar para o desembargo do paço.

O modo de verificar os poderes ou legalisar as procurações era assim. Logo que os eleitos ou procuradores chegavam ao local das còrtes, appresentavam as suas procurações ao desembargo do paço, o qual nomeava o procurador do corôa para as examinar. Se estavam válidas, era o procurador admittido; se havia duvida ou defeito, que se podesse sanar a tempo, sanava-se: se o defeito era irremediavel, mandava-se proceder a nova eleição.

As procurações dos nobres para representar no braço da nobreza, e dos ecclesiasticos para representar no braço do clero, tambem em alguns casos eram previamente legalisadas.

Reunidos os tres estados na sessão de abertura, e prestado o juramento durante a mesma, separavam-se, acabada ella, cada um para sua casa distincta; e abi tinham suas sessões e conferencias. Nas còrtes de 1608 a nobreza foi mandada para o convento de S. Roque, o estado ecclesiastico para S. Domingos, e o dos povos para S. Francisco da Cidade. O exemplo mais antigo, que se encontra desta separação dos estados, data das còrtes de 1455, no reinado de Affonso 5.º

Investidos ou instalados os estados, tomava o lugar de presidente no do povo o procurador mais graduado; no do clero, o prelado mais eminente em dignidade; e no da nobreza, o que os definidores elegiam d'entre si.

Havia um secretario de eleição em cada um dos estados.

Ao presidente competia: propór as materias que haviam de ser discutidas e votadas; dar a ordem do dia; conceder ou negar a palavra aos procuradores; reprehender os que se descomediam nos seus discursos; mandar ler os projectos e outros papeis; nomear quem lhe parecia para redigir as minutas das consultas.

O secretario escrevia o assento do que se tinha tratado na junta todos os dias de conferencia: levava, muitas vezes, as consultas á presença d'el-rei; e correspondia-se, em nome das còrtes, com o secretario d'estado.

Para os estados se communicarem entre si, elegia cada um dois membros do seu seio, que se chamavam *embaixadores*; e só começaram a existir desde as còrtes de 1579. Estes levavam ás outras juntas copia das propostas da sua junta: e as propostas eram mandadas a uma commissão, para dar parecer. Se o parecer era approvado, lavrava-se consulta. A consulta, assignada pelos estados, era então levada ao rei: e o rei respondia, quasi sempre vagamente, differindo a decisão. Depois baixava resolvida.

Se a resolução do rei era negativa, nem por isso este *veto* se considerava absoluto; porque os estados podiam, como muitas vezes fizeram, replicar respeitadamente ao throno, offerecendo as suas observações em segunda consulta.

Segundo já vimos, os estados communicavam-se uns com os outros por meio de *embaixadores*; mas o rei communicava-se com os estados por meio de decretos as mais das vezes; e algumas tambem pelo secretario d'estado do reino, que vinha pessoalmente aos braços. Os decretos regios liam-se, e depois ou eram logo votados, ou passavam por discussão.

Se havia discussão, era permittida aos oradores inteira liberdade de opiniões. Se a materia dos decretos apresentadas a um estado não era reputada de muita gravidade, o estado approvava-os sem concordar ácerca delles com os outros braços. Se era, conferia então com os outros ramos da representação nacional, e em resultado desta conferencia se formava consulta, a qual assignavam os tres braços, se todos eram concordes. Se dois sómente o eram, prevalecia a decisão desses contra a daquelle que dissentia.

Não estava estabelecido para as côrtes termo certo de duração: duravam ordinariamente um mez; e isto por costume, não por lei. Prorogava-as ás vezes o rei, a pedido dellas, por mais algum tempo, que não passava de outro mez: outras vezes, por necessidade do serviço publico, prorogava-lhes tambem os poderes: de maneira que o encerramento dependia sempre do monarcha. Aconteceu tambem serem dissolvidas por decreto; e até determinar-se a dissolução de um dos braços, antes do encerramento geral, mandando-se continuar as conferencias nos outros. Assim nas de 1563 foi mandado dissolver o braço do clero, e continuar o dos povos.

Convem agora notar a maneira singular com que se transformavam, ou antes se implicavam as nossas assembléas politicas. Desde as côrtes de Coimbra celebradas em 1473, se introduziu a pratica d'eleger d'entre si cada um dos braços, depois da reunião das côrtes, um certo numero de membros com o titulo de *definidores*, aos quaes, apenas eleitos, substabeleciã seus poderes os outros representantes para ficarem aquelles fazendo em tudo as suas vezes. Pretextava-se esta redução em que com menor numero de representantes se podiam os negocios expedir mais facilmente, com menos estrepito, e menos despeza. A diminuição da despeza era um ponto attendivel para as terras que enviavam procuradores ás côrtes, porque toda a que estes faziam na ida, estada, e volta era á custa das mesmas terras, ou das camaras respectivas; e assim continuou a ser até ás côrtes de Thomar, celebradas em 1581, nas quaes se arbitrou um subsidio aos representantes pago pelos cofres publicos. Por este motivo o costume de subdelegar as procurações nos definidores podiam os povos reputa-lo favoravel, pelo menos até a epocha em que se estabeleceu o subsidio; e por outro lado os inconvenientes que poderiam resultar daquelle costume ficavam até certo ponto corrigidos pela pratica em que as camaras estavam de darem aos procuradores apontamentos do que haviam de requerer nos estados; apontamentos, *aggravamentos*, *artigos* ou *capitulos*, segundo foram successivamente chamados, que se inseriam nas procurações, e passavam a cargo dos definidores, assim que estes eram eleitos.

Os capitulos ou eram *geraes*, ou *especiaes*. Chamavam-se geraes os que interessavam a todo reino, e eram propostos em nome de todos os procuradores dos concelhos. Chamavam-se especiaes os que eram proposta de uma só provincia, de um concelho, ou de uma terra meramente, e para beneficio particular dos logares em cujo nome se propunham.

Como os geraes tinham caracter e força de lei, e os outros eram privilegios; determinou-se que só obrigariam aos concelhos aquelles capitulos geraes, de que elles levassem instrumento. Mas esta deter-

minação foi revogada pelos inconvenientes que della nasceram.

A historia das nossas assembléas politicas não é uma repetição de factos invariaveis; porque o formulario, o regimento, a norma, o principio regulador dellas, e até a composição dos braços padeceram muitas alterações em diversas epochas. O numero, por exemplo, dos procuradores que mandavam a côrtes os concelhos e logares notaveis eram ordinariamente dois; mas algumas vezes succedeu mandarem tres, quatro, e outras vezes um só com um tabellião. O numero das terras que tinham assento em côrtes, tambem não foi sempre o mesmo; porque dependia do arbitrio do monarcha. É certo que se chamavam as que por costume antigo concorriam para a representação do terceiro estado; mas o rei podia conceder ou negar esta cathegoria ás que a não tinham; e o proprio D. João 4.º exerceu de ambos os modos a sua prerogativa, ora concedendo, ora negando o voto legislativo a diferentes terras.

As côrtes não tinham attribuições fixas e determinadas. A sua convocação, duração, e encerramento dependiam da corôa. A corôa promulgava leis, de seu proprio moto, ainda mesmo durante a reunião das côrtes, sem ingerencia nenhuma destas; e podia não só recusar sancção aos capitulos que os estados lhe propunham, mas até — por abuso ou por uso — revogar por meio das denominadas *cartas de graça* os já approvados pelos estados, e sancionados por ella, isto é, os que já estavam convertidos em lei.

(Continuar-se-ha).
A. d'O. Marreca.

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA.

Exposição de 1843.

A leitura, a observação curiosa e exacta do pouco, que tenho visto, me deram os limitados conhecimentos, que em tão comprida materia possuo.....

Declaro pois que, se êrro encontrarem os professores, mui grata, e grande mercê me farão de me avisar; e conhecerão pela minha docilidade na emenda a pouca presumpção do auctor (*).

GARRETT. — Notas ao Canto 2.º do «Retrato de Venus.»

I.

HA perto de sessenta seculos que o genero humano, cercado de luz, ou envolto nas trevas, caminha pa-

(*) A epigrapha que escolhi para os artigos que neste Jornal vou publicar, ácerca da exposição da Academia das Bellas-Artes de Lisboa, diz de mim quanto baste para se conhecer a franqueza com que escrevo — confesso a minha inexperiencia nesta vastissima e variada materia — poderei errar; mas será sempre de boa fé. — Devo declarar que muito devo aos conselhos de professores cuja competencia é incontestavel nos diferentes ramos da arte em que os consultei — a minha gratidão pedia que os nomeasse: mas como de alguns tenho que fallar nestes artigos, não quero que convertam os elogios, que por dever lhe tributarei, em provas de gratidão. — Neste escripto, desacompanhado de nome que o auctorisar, encontrarão muitos bastante que censurar, e com razão; mas já o disse, e o repito, os erros que houver são filhos do pouco saber, e não da vontade.

ra a perfectibilidade — rapido ou vagaroso é este caminhar : mas sempre existe — nos annos do mundo em paginas de luz , ou de lucto marca a intelligencia os progressos desta viagem , que na terra nunca poderá ter fim : porque a perfeição é um attributo de Deus , que se reflecte em todo o universo como a Omnipotencia e Immensidade do Seu infinito Saber. Nem todos os homens podem ver na terra essa imagem do que só existe no céu : mas todos sabem [por que um sentimento vago , um pensamento intimo , o está sempre revelando] que essa imagem do céu apparece no mundo atravez do véu espesso e luctuoso das paixões humanas. — E se nos mais sublimes instantes da vida , que são os da meditação — a alma obrigar todas as suas faculdades a convergirem para si mesma ; e se fugindo do tumultuar do mundo , vivermos no passado para ouvirmos a revelação dos mysterios do futuro , veremos essa revelação surgir da lucta contínua que em todos os seculos tem havido entre o *espírito* e a *materia*. — Esta lucta é como um prisma atravez do qual vemos que a humanidade se decompõe como se fôra um raio de luz — o *espírito* submerge-se nas mysteriosas regiões do infinito , toca o throno de Deus — a *materia* arrasta-se pelos immundos lodações do vicio — a *idéa* foge para o céu — a *sensação* prende-se á terra — o *sopro de Deus* debate-se com a *forma*, que o pertende escravisar, e em quanto não bate a hora solemne em que é chamado para o seio da eternidade , procura ancioso approximar-se da sua origem : para o conseguir aformosêa e ennobrece , com o que possui de mais divino e magestoso , o que mais perfeito encontra na terra ; e desta *idealisação* da natureza vê o homem pensador nascer a *arte*, que é sempre *una* no pensamento , mas variavel na *forma*; quer seja ode, epopea, ou drama : cantico singelo de pastores , trovas sentidas de menestrel , ou harmonias profundas do sublime Mayerbeer. A Biblia, Homero, e Shakespeare são tres formas differentes, representantes de tres epochas : mas que pelo pensamento commum que lhe deu origem formam a poesia das palavras. Os sons penetrantes da harpa egypcia e indiana — os canticos simples dos trovadores , e as profundas inspirações de Beethoven formam a poesia dos sons. Ictinus , Praxiteles e Raphael Sanzio representam do mesmo modo a poesia das formas. — Esta trilogia de pensamentos absorvem-se em uma só idéa , e é deste modo que se deve conceber a verdadeira unidade da *arte*, que sendo a manifestação mais pura da intellectualidade é eterna como Deus ; todas as suas differentes formas participam desta eternidade , mas nem todas se revelam em uma mesma epocha , nem a memoria de todas é perpetuada pela tradição com a mesma verdade e interesse. — Quem pertender estudar o estado das artes plasticas no seculo em que vivemos , deve attender a estas considerações. — As differentes formas do pensamento tem-se unido algumas vezes para formar uma expressão mixta — a poesia dos sons unindo-se á poesia das palavras produziu o drama lyrico — Mozart moldou as suas sinistras e fabulosas harmonias na phantastica legenda do *convidado de pedra* — Donizetti appresenta-nos em suas composições a poesia vaporosa de Walter Scott, ou a poesia de Victor Hugo , severa e grande no crime como na virtude. — Luzia é uma criação do céu ; Lucrecia Borgia uma emanação do inferno que nem o amor de mãe pode santificar. — A harmonia reproduziu com a mesma facilidade estas duas imagens da vida. — Esta

união das formas não destroe nenhuma dellas — a sua independencia existe muitas vezes até mesmo nessa união — é portanto temeridade pensar que alguma das manifestações da arte possa acabar ; e as que mais se deveriam recear do materialismo do seculo passado e da indifferença do actual , appresentam-se florecentes no seio das nações mais cultas da Europa , e pelo entusiasmo com que vão sendo estudadas se póde agourar que um futuro brilhante as espera. Camuccini , Agricola Podesti e Benevenuti são dignos filhos da patria de Raphael — Horacio Vernet , Ingrés , Decamps , Delacroix , Pradier e muitos outros de igual vigor de pensamento e perfeita execução criam em França uma nova escola. — Na Alemanha prepara-se uma regeneração artistica que deve resultar da lucta vigorosa que se tem travado entre as differentes escolas. — Schnorr passando para a tela o terrivel e mysterioso poema dos Niebelungen. Hemsel appresentando-nos um dos melhores quadros de pintura moderna no seu quadro que representa Jesus Christo na presença de Pilatos , e Schorn mostrando o grande valor dos contrastes no quadro em que nos arrebatava ao seculo 15.º e nos faz ver o papa Paulo 3.º contemplando o retrato de Luthero — são a aurora de uma nova epocha. — A incorrecção no desenho , que portantos tem sido notada aos artistas inglezes , não tarda que deixe de apparecer nas estimaveis composições de muitos desses intelligentes artistas ; e na recente exposição da Academia real de Londres , — o quadro dos pestiferos , por Poole , os quadros de Muller e de Landseer foram uma prova dos grandes progressos que o desenho , e mesmo o colorido , tem feito na patria de West e de Lawrence. As esculpturas de Chantrey e de Mac-Dowel , os baixos relevos de Lough mostram que a nação , que pela sua riqueza póde chegar a possuir os primores d'arte das outras nações , as quer imitar nos esforços que fazem para aperfeiçoar e cultivar as bellas-artes. Portugal não podia nem devia ser indifferente a todo este grande movimento intellectual. — A patria de Grão Vasco , de Sanches Coelho , dos dois Vieiras , de Sequira e de Machado de Castro não precisa de ir a estranhos mendigar titulos valiosos para immortalisar o seu nome , e se portuguezes illudidos , ou degenerados , se curvam ás vezes ante alguns charlatães sem patria e se atrevem a considerar como ignorantes os artistas de merito , que ainda possuímos apesar da ingratição e do esquecimento com que os tem premiado — ainda hade chegar um dia em que até por esses que hoje tanto desprezam as artes patrias , seja reconhecido e inegavel o grande merecimento de muitos dos nossos compatriotas , que á custa de soffrimentos se entregam com acrisolado amor ao estudo sublime das bellas-artes. — Os jornaes , que são a chronica contemporanea , devem registrar em suas paginas os nomes dos que assim se tornam dignos de admiração e estima ; se hoje os lerem com indifferença , pouco importa , porque a posteridade os hade vingar. — Pobres e desunidos , que nos resta de tanta prosperidade e virtude senão a rôta e valente armadura das mil batalhas , e as recordações do nosso passado de gloria e de felicidade , que nos despertam na alma esperanças que só o futuro poderá realisar : felizes nos devemos considerar se alguns dos filhos desta nossa nobre terra de Portugal fugirem da atmosphera de paixões e interesses que a cerca , para viverem no santuario da arte ; erma dos bens do mundo tem de ser a sua vida ; mas será rica de celes-

tes inspirações e de extasis sublimes, e a posteridade alçar a um padrão eterno á memoria dos que hoje conservarem a lyra dos Camões, o escrôpo e o pincel de tantos insignes artistas que honraram as bellas-artes e a patria em que nasceram. Do bem fundadas que são estas nossas esperanças temos uma prova solemne na recente exposição da Academia das Bellas-Artes de Lisboa; o grande pensamento de que resultou a sua creação appresentou-se-nos grandioso e bello. O decreto de 25 de outubro de 1836 marcou uma nova epocha ás bellas-artes em Portugal; mas tanto este decreto como os estatutos que o acompanharam e todas as subsequentes determinações em favor de tão util e valioso instituto, precisam, para realisarem esse grande pensamento que as suscitou, que se trate de, quanto antes, pôr á disposição da Academia um edificio digno tanto das obras que possuímos dos nossos antigos mestres, como das que modernamente vão apparecendo. — É muito para sentir ver a inconveniencia que o extincto convento de S. Francisco apresenta para servir de Academia das Bellas-Artes: todos os reparos que lhe tem feito, todos os esforços do digno corpo academico tem quasi sido inúteis para remediar os immensos inconvenientes que esse edificio tem para o fim a que o destinaram. É mister que todos se convençam da necessidade de transferir a Academia para um edificio onde os quadros se não damnifiquem continuamente pela humidade das salas em que estão collocados, em que haja luz sufficiente e que se possa appropriar do modo que mais convier aos differentes quadros, e finalmente que tenha proporções para se formarem as galerias indispensaveis, e que tanta falta fazem; e que alem de todas estas vantagens, em relação aos objectos da arte, não seja prejudicial á saúde dos artistas como é o local em que actualmente está a Academia. Temos uma riqueza nacional nos quadros que possuímos; mas nem muitos portuguezes a conhecem, pela falta das galerias onde se exponham em separado os quadros antigos e os que formam a exposição: quantas pessoas, depois de percorrerem as salas da Academia, sahem sem saberem que em uma dessas salas está um quadro de S. Jeronymo, que pelo vigoroso do desenho, severo da expressão e cuidado com que a musculação está marcada, é com toda a razão attribuido a Miguel Angelo, sendo de suppôr que o desenho seja deste grande e excepcional artista, e o colorido de Sebastião del Piombo: que nessa mesma sala estão as portas e o fundo do oratorio portatil de Francisco 1.º tomado por Carlos 5.º na celebre batalha de Pavia, e que alem de serem uma recordação historica digna do maior apreço, são quadros preciosos e dignos do maior estudo, porque pela correcção do desenho se póde concluir que foram desenhados pelo ainda até hoje, e talvez sempre, inimitavel Raphael de Urbino, e pelo colorido se vê que seriam pintados por Julio Romano, um dos seus melhores discipulos: que perto destes estimaveis quadros está um dos melhores que possui Portugal, uma das divinas *Madonas* do inspirado Raphael — a meiga suavidade, e transparencia do colorido, a celeste inspiração que transparece nas faces virginaes da mãe do redemptor do mundo, formam um typo de perfeição que encanta e maravilha quantos olham para esse quadro — é tão sublime a sua execução e tão profundo e santamente sentido o pensamento de que nasceu, que é impossivel deixar de haver uma comoção profunda, um

sentimento íntimo de veneração ao olhar para aquellos olhos que suspiram pelo céu, para aquellas faces puras como o lyrio mais puro, e para aquellas mãos que erguidas para Deus são uma rogativa que a santa Virgem, a quem devemos a redempção, dirige ao Omnipotente, em favor do genero humano — a contemplação deste quadro é o maior encantamento, o mais sublime extasi da alma. Nessa mesma sala está um dos primores d'arte de um dos maiores artistas que tem tido Portugal: o S. Bruno do insigne Sequeira, desse artista cuja vasta concepção e magestoso pensamento talvez não tenha igual entre os modernos; fóra em nós temeridade se, ainda mesmo que muito superficialmente, apresentassemos um esboço do quanto admirâmos o religioso e sublime pensamento que deu origem a esse quadro, e de quanto julgâmos digna de grandes louvores a sua execução: pois que nos anticipou com superioridade reconhecida uma noticia e estudo em que o Sr. Antonio Feliciano de Castilho solve parte da divida sagrada em que a patria está para com tão sublime genio. O St.º Agostinho é de Vieira, o melhor quadro, na opinião de muitos, de quantos possuímos deste artista que em gráu superior junta tres dos melhores elementos que podem constituir o grande pintor — expressão, colorido e correcção de desenho: tudo isto se admira no quadro em que fallámos, e que por falta de local e luz póde tambem como os outros deixar de ser visto: no mesmo caso estão dois quadros do celebre Trevisani e mais alguns que nem molduras tem: e entre estes um senhor crucificado, de Van-Dyck; e principalmente, o que mais é para sentir, o que mais custa a crer, é que nem os preciosos quadros de Grão Vasco podem estar collocados de modo que deixem de ser victimas desse cruel esquecimento — esses quadros, que são a recordação mais sublime que temos do esmero e perfeição dos nossos antigos, e que modernamente tem sido assumpto de uma grave questão, mereciam bem que houvesse local onde podessem ser vistos do modo que merecem: seria util para nossa gloria, e até vantajoso para a Academia, que sem demora se tratasse de remediar tão grande damno: — a todos os que poderem concorrer para se alcançar este remedio, rogâmos humildemente que não deixem de prestar toda a possivel attenção a este importante objecto: pedimos venia aos artistas nossos contemporaneos, se para bem da memoria dos que já não existem e para gloria da nossa patria, demorâmos talvez em demasia esta divagação, que por dever e gratidão precede a incompleta, mas sincera apreciação que tencionâmos fazer das suas obras: e a qual por motivos que nos são particulares, e com grande sentimento nosso, será mais breve do que tencionavamos.

S. J. Ribeiro de Sá.

BALÕES AEROSTATICOS.

3.º (*)

O **DESCUBRIMENTO** do gaz hydrogenio, por Cavendish, em 1766 veio mui a proposito auxiliar as tentativas da aerostatica; sem embargo disso Montgolfier não empregou este agente, e serviu-se da rarefacção do ar, quando fez subir o seu balão em 5 de junho de 1783: e provavelmente do mesmo meio lançaria mão antes de Montgolfier o nosso P.º Gusmão, como indicâmos no 1.º artigo a este respeito no precedente

(*) Continuação de pag. 8.

volume. Em 27 de agosto do mesmo anno de 1783, os physicos *Charles* e *Robert* construíram um globo de tafetá impermeavel, cheio de gaz hydrogenio, e deram ao entusiasmado povo de Paris o primeiro espectáculo deste genero: *Montgolfier* foi então chamado á capital pela Academia das sciencias, e em 19 de setembro repetiu a sua experiencia em Versailles, fazendo subir dentro de um botesinho pendurado do globo estes tres animaes, carneiro, ganso e gallo.

Pilâtre des Rosiers e o *marquez d'Arlandes* foram os primeiros que se atreveram a cortar os ares, e por ensaio elevaram-se á altura de 200 a 300 toezas, até onde o permittia o comprimento dos cabos, que estavam fixos no chão, e seguravam o globo: mas por ultimo resolveram os dois a fazer completa a experiencia, e aos 21 de novembro de 1783 largaram do bosque de Bolonha, proximo a Paris, subiram 500 toezas e foram cahir a duas leguas do sitio da partida, depois de haverem atravessado por cima de toda a capital. Por esse tempo suscitou-se viva discussão entre os partidarios do methodo de *Montgolfier*, e os que propunham o emprego do gaz hydrogenio; porem as vantagens deste foram experimentalmente demonstradas pelos ja citados *Charles* e *Robert*.

Blanchard adquiriu grande celebridade como aeronauta, tentando os meios de dar direcção aos balões, desde a sua primeira ascensão, que verificou em Paris em 1784.

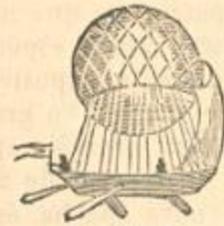


Balão de Blanchard.

Em setembro deste anno o duque de Orleans acompanhado de Mr. *Robert* subiu n'um balão, com barquinha ou bote, provido de remos e de leme. Chegados á altura de 1400 pés os viajantes aereos se assustaram de ver o horisonte toldar-se de nuvens; e por muito tempo foram arrastados por um redemoinho de vento até uma região em que os raios solares, aquecendo extraordinariamente o balão, ameaçavam incendia-lo em consequencia da dilatação do hydrogenio. Em tal aperto o duque rompendo com a espada a cobertura superior favoreceu a sahida do gaz; e escaparam milagrosamente depois de uma navegação de cinco horas.

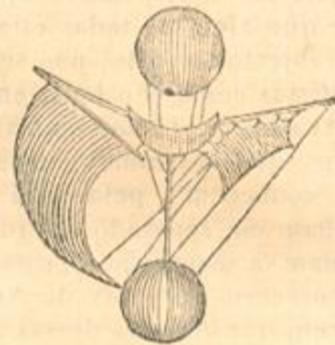
O conde *Zambecari* em 1783 expediu um balão, mas sem ir nelle, e foi a primeira experiencia que neste genero viu a Inglaterra: porem em 21 de setembro do seguinte anno verificou em Londres o famoso capitão *Lunardi* a sua primeira viagem aerostatica; o qual fez depois outras em Edimburgo, Glasgow, Napoles, Madrid, e em Lisboa: desta ultima, por ser em nossa terra [melhor diríamos em o nosso quinhão da atmosphaera], e porque foi revestida de variadas e curiosas circumstancias, havemos de dar mais larga noticia.

Em 7 de janeiro de 1785 *Blanchard* e o doutor *Jefferies* intentaram atravessar o canal da Mancha, que separa a França da Inglaterra.



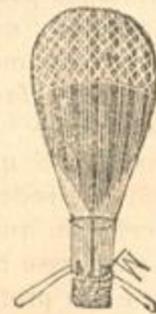
Balão de Blanchard e Jefferies.

Partiram com effeito de Douvres, e subindo lentamente puderam contemplar o magnifico espectáculo que lhes offreciam as costas meridionaes de Inglaterra. Mas esta calma ia sahindo funesta, porque passada uma hora mal puderam suste-se nos ares e foi-lhes preciso alijar todo o lastro; a meio caminho entre os dois reinos tiveram de desembaraçar-se dos livros e mantimentos que levavam; e pouco depois arrojaram ancora e cabos, e até os proprios vestidos: a perda do gaz os punha já na mais critica situação, quando felizmente chegaram ás costas de França e desceram a terra [ao fim de tres horas] nas immediações de Calais. — Não lograram essa ventura outros dois aeronautas, *Pilâtre des Rosiers* e *Romain*. Indagaram por largo tempo a maneira de subir e descer sem a perda do gaz e sem a carga do lastro: *Pilâtre* abalançou-se a conseguir ambas as cousas, tomando a si o desempenho do projecto.



Balão com vélas.

Fez dois balões, munidos de velas, o primeiro com a barquinha por baixo, cheio do gaz hydrogenio; e o segundo suspenso do outro, mas a muita distancia para não communicar o lume que lhe tinham mettido. Os emprehendedores do novo ensaio iam no bote; apenas se tinham elevado da terra, viu-se-lhes fazer alguns movimentos, sem duvida para dar sahida ao gaz do globo superior que appareceu inchado. Depois inflammou-se o aparelho aerostatico, e os pedaços cahiram da altura de 600 toesas com os cadaveres dos desgraçados viajantes. —



Balão de Lunardi.

O capitão Vicente Lunardi, natural de Luca, e empregado na embaixada napolitana em Londres, foi o homem que mais viagens aereas fez.

Em Madrid, a 8 de janeiro de 1793, na praça do palacio do real sitio do Bom-Retiro, á meia hora depois do meio dia, repeliu Lunardi a sua experiencia perante numeroso concurso, e foi cahir ás duas da tarde a Pozuelo del Monte de Tajo, sete leguas da côrte; tornou a subir com força nova, e andou no ar até as quatro da tarde que baixou a Canada, termo de Fuente; finalmente remontou-se terceira vez, e foi dar ao termo de Orcajo, villa da provincia da Mancha, não sem grande assombro dos moradores, que o viram descer; mas que o receberam entusiasmados, passado o primeiro susto, a ponto de o conduzirem em triumpho á igreja parochial daquella villa.

Cabe tratar agora da ascensão do mesmo capitão Lunardi, effectuada em a nossa Lisboa a 24 d'agosto de 1794; e começaremos pela copia do annuncio que então se affixou nos logares publicos, o qual é interessante [apesar dos defeitos da linguagem] pelas particularidades curiosas que encerra. — Ei-lo na sua integra.

Grande machina aerostatica, em a qual o capitão D. Vicente Lunardi fez as suas viagens aereas em muitas cidades das principaes da Europa, e posteriormente em Hespanha na presença de SS. MM. Catholicas, e toda a Real familia em Madrid.

Este globo acha-se agora exposto todos os dias ao publico em uma barraca coberta, erigida na Praça do Commercio: está cheio de ar atmospherico com a sua galeria dependurada, e instrumentos necessarios para as viagens aereas, e está justamente como se deve lançar ao ar.

Para se dar mais miudamente a este respeitavel Público uma idéa desta *sorprendente* machina, o dito capitão D. Vicente Lunardi expõe abaixo as suas dimensões.

Dimensões da grande machina aerostatica.

Diametro da zona	33 pés.
Circumferencia	104 »
Superficie total	3480 »
Solidez	18900 » cub.

Se estivesse cheio de um liquido, conteria 23625 almudes.

Para se encher de ar inflammavel, a fim de fazer a viagem projectada, devem-se só encher tres quartas partes para commodo do viajante, e para evitar uma explosão.

Estando pois cheias as tres quartas partes da machina póde levantar um pezo de 750 arrateis; a saber:

Pezo do globo	arrateis 200
Pezo da rede	» 60
Pezo da galeria, e avios	» 160
Pezo do capitão Lunardi	» 166
Pezo dos instrum. mathematicos	} 84
Provisões	
Ancora	
Cordas	
Bandeiras	
Garrafas	—
	670

Sobejam para o equilibrio 80 arrateis, 70 dos quaes se empregam em arêa mettida em pequenos saquinhos, os quaes se despejam no ar á proporção das differentes elevações, e ficam 10 arrateis de força *elevatriz*.

A machina é toda de seda composta de 52 pedaços que montam a 1200 covados.

Todos os pedaços são cosidos com quatro fortissimas e espessas costuras, e cobertas por dentro com uma fita de seda de 2700 varas. É toda vernisada por fóra com verniz de goma elastica, para a conservar da transpiração do ar.

Por tanto com esta relação exacta não parecerá incrível, nem mesmo exorbitante o seu custo de quinze mil cruzados.

É da intenção do capitão Lunardi o dar a este respeitavel Público o *sorprendente* espectáculo de uma viagem aerea, tendo para isso obtido as devidas licenças, onde para pôr em execução este seu projecto, offerecerá a seu tempo o seu plano com outro manifesto, e relação do apparatus chimico necessario para o dito effecto.

Agricultura.

SOBRE AS SUAS RELAÇÕES COM A POPULAÇÃO, LEIS E COSTUMES.

TODAS as leis, ainda as mais particulares, tem relação com a constituição do paiz: por este vocabulo não entendemos a constituição politica; neste lugar significa o principio fundamental, a base da vida e existencia social d'um povo; e nesta accepção não ha algum sobre a terra que não tenha sua constituição. Antigamente os povos todos eram ou agricultores, ou pastores, ou caçadores; hoje á excepção dos povos nómados ou selvagens todos são lavradores, industriaes, ou commerciantes. A legislação deve forçosamente ter analogia com aquella destas tres bases que domina principalmente no paiz. A base do nosso é agricola; e assim, a ella se amoldaram as leis colligidas no primeiro codigo systematico, que foi a ordenação manuelina. Desgraçadamente os compiladores eram mais juriconsultos do que economistas, e perdeu-se então a melhor conjuntura de libertar sabiamente dos tropeços da rotina, que ainda se resentia da servidão territorial, todos os elementos da prosperidade do paiz, alargando e dilatando a esphera daquelles tres principios então admittidos já, e alguns mui florescentes, como era o commercio maritimo. Porem a desenvolução deste ponto não é propria da natureza deste artigo. Aqui basta sómente apontar os principios e os factos.

Os principios que influem directamente na cultura, e que por isso mesmo devem reger na composição das leis, são — liberdade da pessoa — propriedade dos bens — segurança dos contratos — suavidade dos encargos publicos. Todas as leis tem relação com algum destes principios, e por conseguinte maior ou menor relação com a cultura.

O homem livre tem no seu orgulho natural uma móla que eleva o seu espirito, que o sujeita a gozar, a sobresahir no meio da sociedade: o escravo não podendo satisfazer e dilatar aquelle orgulho, conserva estacionario o seu espirito, ou cada vez mais o embrutece. Póde este pôr em exercicio as forças do corpo, porque a isso é constringido, porem não as do espirito, que não soffrem coacção.

Ora como o adiantamento e perfeição das artes depende das forças simultaneas do corpo e do espirito, segue-se que sem *liberdade* não ha que esperar prosperidade e perfeição.

O homem que une suas forças e seus talentos para procurar subsistencia e gôzo, applica-as naturalmente áquelle objecto que reputa seu: assim ao arbitrio, á propriedade de sua pessoa, une-se o arbitrio, a *propriedade* sobre a *sua fazenda*. Quando o homem está seguro desta propriedade, procura naturalmente o gôzo maior, a fruição mais vantajosa da mesma, daqui a cultura. Se por este caminho não pôde satisfazer-se, se a propriedade da sua fazenda é um engano, uma decepção, o homem a abandona, e busca outro meio de felicidade.

Mas se com o arbitrio sobre sua pessoa e sobre a sua fazenda não fôr este respeitado, ou ficar sujeito ao arbitrio alheio, aquelles bens, aquelles meios de felicidade serão interceptados ou suffocados na sua marcha, no seu exercicio total e completo: daqui a necessidade da *segurança dos contratos*.

Porem, se por fim do exercicio e emprego daquelles tres meios, das forças do corpo e do espirito, da melhor cultura da sua propriedade, das trocas, convenções e reciprocas vantagens resultantes da segurança dos contratos, o homem for despojado dos fructos de seu trabalho, tudo será inutil, e será antes servo do que proprietario: daqui a necessidade absoluta da *suavidade nos encargos publicos*.

Nós poderíamos fazer alguma confrontação entre estes principios e as leis que lhes dizem respeito, examinar a analogia, o jogo, a conformidade ou desconformidade dellas com o systema da nossa legislação; mas isto nos levaria muito longe, e essa tarefa pertence á cadeira d'economia politica na sua applicação ao nosso paiz. Entretanto não será cousa abstrusa, ou demasiado difficil perceber quaes são as leis, que favorecem ou prejudicam a cultura pela simples combinação e acareação dellas com aquelles principios certos, indubitaveis. Alguns exemplos facilitarão talvez este exame: daremos aqui alguns relativos a todos aquelles quatro principios.

1.º Nos tempos feudaes, em que os homens não tinham inteira disposição de sua pessoa, o senhor do territorio tinha, pelo direito então dominante, a faculdade, já d'arrancar os homens do trabalho para os levar á guerra, já de os obrigar a trabalhar nas fortificações, e mesmo na sua cultura e serviço particular, já de os enviar fóra com mensagens como correios, e em muitas outras occupações que seria inutil e doloroso recordar; ellas ahí andam consignadas nesses foraes e documentos antigos. Ora quem não vê que semelhantes leis eram destructivas de todo o melhoramento agrario, pelo ataque feito á *liberdade pessoal*?

2.º Naquelle mesma epocha vigorava entre nós o celebre direito do *retracto* com distincção entre bens herdados e adquiridos, o que entre nós foi chamado *lei d'avoenga*, costume reduzido a escripto por elrei D. Affonso 2.º Esta lei coarctava a livre disposição dos bens: ninguem podia aliená-los sem convidar os irmãos ou parentes proximos porque haviam sido propriedade de seus maiores, e havia um respeito demasiado e supersticioso por esta origem. De modo que, o possuidor desta especie de bens tinha-os como em mão morta; não podendo dispôr delles, mal os quieria cultivar e melhorar: nestes nem mesmo podia recahir a prescripção, co-

mo consta da mesma lei. E quem não vê que esta instituição era contraria á cultura pela falta do arbitrio da *liberdade da propriedade*?

3.º Então, e por força daquelle mesmo systema, a segurança dos contratos era tão incerta e precaria que se introduziu o uso de conjurar os céus para que ninguem se atrevesse a romper as convenções. Ahí andam os documentos desse tempo, os foraes, as doações mesmo dos reis, os testamentos, &c., praguejando os que de futuro ousassem contrariar essas disposições, e legando-os ás penas eternas *cum Juda traditore*. É verdade que estas transgressões procediam mais da violencia e despotismo daquelle tempo, mas provinham tambem muitas vezes da pessima legislação. E como poderia haver liberdade e segurança em contratar com a prohibição de vender fóra do territorio senhorial, com o estabelecimento das honras e coutos onde não podia entrar o mordomo ou official de justiça a executar ou a prender, e finalmente com a inalienabilidade da maior parte dos bens de mão morta, os das igrejas e mosteiros, os d'avoenga, os da corôa? Quando não havia liberdade d'adquirir tambem não havia liberdade de dispôr, e por conseguinte pouca *segurança de contratos*.

4.º Nós temos procurado contar os diversissimos modos de imposições e prestações que sobrecarregavam os agricultores daquelle nossa primeira idade, e confessámos que ainda não podemos fixar o catalogo. Tudo era objecto de tributo durante a vida e depois da morte. Na vida os foros, os censos, as jugadas, os serviços, a siza ou um tanto pelas compras e vendas, as portagens ou direito de transito, os donativos obrigados, os direitos de caça, de pesca, de portagem, e até o casamento era occasião e objecto de tributo. Depois da morte a luctuosa e o *maninhadego*: de uma sentença antiga consta que alguns senhores do territorio de Bragança se appropriavam uns metade, outros a terça parte da herança do homem que sendo casado morria sem filhos. E uma viuva que pertendia casar dentro d'anno e dia depois do fallecimento do primeiro marido, precisava pagar essa permissão. Impossivel pois seria que a cultura [que então era tudo, era a unica riqueza] podesse prosperar com um systema tão avesso á *suavidade das imposições*.

Felizmente que esses tempos passaram; e nenhum desses exemplos [que de proposito escolhemos para não ferir a delicadeza actual] já não opprimem nossa existencia social. Restam porem outros novos, ou resquicios daquelles: muito ha ainda que emendar.

J. da C. N. C.

Nas democracias os homens proclamam a igualdade de direitos: mas é a forma de governo, em que mais se conhece a desigualdade das indoles.

Ha um saber ingenuo e rude, que dá a paz do espirito e do corpo: ha um saber procelloso e febril, que flagella a ambos de continuo.

A sciencia amarga e perturba a paz da ignorancia: o saber não é o nosso destino em cima da terra.

O pedantismo é uma tollice bastarda mais intolavel do que a legitima.

T. A. Craveiro.